

A terceira margem

Suely Aires

Resenha de Léa Silveira, *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, São Paulo, Blucher, 2022, 438p.

“Gosto de pensar no livro como um hiperobjeto, [...] não apenas como algo que guardamos na estante, mas um acontecimento que inclui uma série de pessoas”¹. Tomo essa imagem para, como leitora, me aproximar do livro de Léa Silveira em um movimento que se desloca no tempo e no espaço, desde a pesquisa de doutorado nos anos 2000 e dos encontros em São Carlos e Campinas, até os dias atuais em que tenho o prazer de ter em mãos o belo exemplar da Blucher e seu usual cuidado de revisão e edição. Esse objeto que ultrapassa tempo e espaço pode agora chegar ao/à leitor/a de outra forma: tanto pelo que cada um/a de nós lê, em nosso tempo, em diálogo com outros livros e textos que se dedicam à obra de Lacan, hoje já numerosos; quanto pelo que se desenrolou do percurso da autora e de suas atuais pesquisas sobre feminismos, filosofia e psicanálise. O ponto de leitura, entendido como o ponto de onde o/a leitor/a recorta o texto, permitirá extrair diferentes consequências do escrito. Tomo, então, na *travessia* proposta por Léa Silveira, uma

terceira margem: aquela que permite destacar, no argumento tecido entre estruturalismo e subjetividade, o conceito fundante da psicanálise, o inconsciente.

Inicialmente cabe apresentar o livro em sua estrutura: precedido por um prefácio de Monique David-Ménard, o livro organiza-se em três capítulos, os quais sustentam, de forma precisa e bem argumentada, a *travessia* feita por Lacan ao buscar articular sujeito e estrutura. Nessa direção, Léa Silveira acompanha o percurso seguido por Lacan, identificando seus aliados e os alvos privilegiados de sua crítica. Como é de conhecimento dos leitores de Lacan, a releitura da obra freudiana o impele em um estranho caminho que se faz entre uma declarada fidelidade ao pensamento de Freud e a busca por originalidade. Lacan, ao propor que o sentido de um retorno a Freud nada mais seria do que o retorno ao sentido que Freud dera à psicanálise, sugere assim um dado modo de leitura que deve diferenciar-se dos demais, em especial dos psicanalistas norte-americanos – a chamada *ego psychology* – e da tradição interpretativa inaugurada por Melanie Klein. Sua leitura apresenta-se, portanto, como a mais verdadeira por se ancorar na letra freudiana, o que implica ainda o recurso aos termos em alemão e uma crítica regular à tradução francesa dos textos de Freud.

Nessa primeira aproximação já se encontra um mérito da autora: Léa Silveira aponta o caminho seguido por Lacan, mas não torna seus os adversários ou as querelas propostas pelo psicanalista francês. Ela segue uma dada linha argumentativa, levando adiante e extraindo consequências do que é apresentado, mas evita rigorosamente qualquer redução ou simplificação de posições enunciativas. Quase como se pudéssemos ouvir a voz dos demais autores sob o argumento de Lacan.

Um desses autores é, sem dúvida, Claude Lévi-Strauss. Figura central na aproximação que Lacan faz ao estruturalismo, Lévi-Strauss influencia diretamente a concepção lacaniana de inconsciente, justamente por ofertar uma possibilidade de tomar esse termo sem recorrer à noção

¹ C. Saavedra, *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*, p. 19.

Suely Aires é psicanalista, psicóloga (UFBA), mestre e doutora em Filosofia (Unicamp), docente do Instituto de Psicologia-UFBA, Membro fundadora do Centro de Pesquisa Outrarte – psicanálise entre ciência e arte (Unicamp) e Membro do GT de Filosofia e Psicanálise (ANPOF).

de interioridade ou a qualquer espacialização do conceito. Destaca-se, por exemplo, a argumentação presente no texto “A Eficácia Simbólica”²: ao tomar como modelo o trabalho realizado por um xamã da América do Sul – que reduz o sofrimento do paciente em situações de parto por meio da criação de uma narrativa mítica – Lévi-Strauss reflete sobre o tratamento psicanalítico e nomeia como eficácia simbólica a construção de um mito, seja individual ou coletivo, que produz efeitos sobre o paciente. Se na comunidade estudada na América do Sul podemos acompanhar uma narrativa composta de elementos da comunidade social e proferida pelo xamã, na qual estão inseridos tanto o paciente quanto o curandeiro, na cura psicanalítica esta narrativa é individualizada e proferida pelo próprio sujeito.

Segundo Lévi-Strauss, a diferença entre os dois métodos estaria na origem do mito: (1) encontrado na psicanálise como tesouro individual ou (2) recebido da tradição coletiva, no caso do xamanismo. Pensar a psicanálise como uma prática de eficácia simbólica permite, portanto, tomar a palavra em seu sentido criador, de modo a reduzir a importância da realidade ou da verdade factual.

Não pomos os fatos em dúvida. O que é necessário indagar é se o valor terapêutico da cura se deve ao caráter real das situações rememoradas, ou se o poder traumatizante destas situações não provém do fato de que, no momento em que se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob forma de mito vivido. Com isto, entendemos que o poder traumatizante de uma situação qualquer não pode resultar de seus caracteres intrínsecos, mas da aptidão de certos acontecimentos, que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado para induzir uma cristalização afetiva, que se faz no molde de uma estrutura preexistente. Em relação ao acontecimento ou à particularidade histórica, essas estruturas – ou, mais exatamente, essas leis de estrutura – são verdadeiramente intemporais. No psicopata, toda a vida psíquica e todas as experiências ulteriores se organizam em função de uma estrutura exclusiva ou predominante, sob a ação catalítica de um

mito inicial; mas esta estrutura, e as outras que nele são relegadas a um lugar subalterno, se encontram também no homem normal, primitivo ou civilizado. O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente³.

A definição levi-straussiana de inconsciente, tal como brevemente apresentada acima, fornece a Lacan os elementos básicos – articulação entre ordem simbólica, linguagem e inconsciente – para uma nova abordagem do conceito. Que, seguindo o argumento de Léa Silveira, o aproxima radicalmente do estruturalismo. “O inconsciente é estruturado como linguagem”, aforismo lacaniano repetido durante décadas de seu ensino, encontra-se aí antecipado pelo conjunto de elementos indicados por Lévi-Strauss, pois (1) não é necessária qualquer vinculação entre o relato e uma realidade efetivamente vivida pelo sujeito, seja ele um paciente do xamã ou do psicanalista, (2) a construção narrativa do paciente permite organizar e contextualizar suas vivências em uma perspectiva psicológica, histórica e social e (3) a temporalidade da narrativa não está associada à temporalidade dos eventos, de modo que não se trata de uma significação prévia ocorrida no momento da vivência, mas da construção *a posteriori* do sentido no mito individual.

Cabe destacar o cuidado com o qual Léa Silveira passeia entre diferentes textos de antropologia: tecendo um fio sobre outro, a autora nos permite identificar tanto o modo como Lévi-Strauss argumenta em prol de uma dada concepção de sociedade e estrutura, quanto permite ao/à leitor/a reconhecer os pontos de apoio que Lacan toma em seu debate em torno do pensamento freudiano. A voz de Lévi-Strauss se faz ouvir, em sua dissonância em relação à apropriação lacaniana: essa delicada tessitura entre linguagem, cultura e estrutura permite não apenas uma conceituação original de inconsciente, como também possibilita que certa concepção de sujeito seja aí suposta, ponto relevante para *a travessia da estrutura*.

Um segundo autor que buscarei destacar na argumentação de Lacan e na travessia efetuada

por Silveira é o filósofo Georges Politzer e sua crítica aos fundamentos da psicologia e da psicanálise freudiana. A proposta politzeriana de uma crítica dos fundamentos da psicologia consiste em questionar o estatuto científico e filosófico do objeto da psicologia e criticar a impessoalidade dessa “ciência”, por meio da identificação dos pressupostos que mantêm a psicologia no campo das abstrações, não representativas do drama do agente particular. Como leitor de Politzer, Lacan se propõe a evitar as aporias de uma leitura da subjetividade como interioridade que duplica o mundo e faz do objeto da psicologia uma abstração. Aqui há uma inversão temporal interessante: podemos supor que é por haver lido Politzer que o encontro com Lévi-Strauss produziu em Lacan tamanho efeito.

Se ambos permitem a Lacan colocar em questão o conceito freudiano de inconsciente, nem por isso auxiliam propriamente o psicanalista francês no novo problema em que se enreda: a noção de sujeito. Termo ausente em Freud, o sujeito toma relevância na argumentação lacaniana por uma via muito bem trilhada por Silveira: o impasse entre teoria e clínica ou, mais propriamente, a proposição de uma teoria da clínica em sua relação com o estruturalismo. Se, de um lado, Politzer, como filósofo, enfatiza o agente concreto da ação no campo da psicologia, recusando qualquer mito de interioridade que faça supor o homem dentro do homem, de outro lado, Lévi-Strauss, como antropólogo, ocupa-se da descrição de ações de homens comuns inseridos em ritos de uma cultura, o que permite reconhecer as estruturas fundantes de diferentes organizações sociais.

É por meio de mais um gesto de retorno – de Lacan a Ferdinand de Saussure⁴ via Lévi-Strauss – que uma teorização sobre língua e linguagem permite abordar a noção de fala e seu valor na clínica. Dito de outro modo: o recurso

de Lacan à teoria saussureana – ainda que em subversão – cumpre o papel de apoio para pensar a fala de agentes concretos e supor sujeito, em dupla acepção. A fala, campo por excelência de intervenção da psicanálise desde Freud, pode agora vir a ser problematizada por meio da linguística estrutural na condição que se dê ênfase ao que efetivamente é descartado na argumentação de Saussure: as variações individuais – podemos dizer, subjetivas – no uso da língua. Não por acaso o interesse de Lacan se dá em torno da fala de pacientes psicóticos que, em sua extrema singularidade, encontra-se em dissonância ao uso comum da linguagem para fins de comunicação.

Voltemos a folhear detidamente o livro *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, a fim de dar destaque aos tópicos “Rumo ao dispositivo específico da psicose: três negações” e “Dispositivo específico da psicose: *Verwerfung*”. Em cada uma dessas partes, o/a leitor/a segue detalhadamente o recorte feito por Lacan sobre os textos freudianos que buscam situar o mecanismo fundamental da neurose. O estranhamento diante da alucinação negativa relatada pelo homem dos lobos leva Freud⁵ a afirmar que este jovem homem “nada quer saber da castração no sentido do recalque”. Esta mesma frase é retomada por Lacan para situar este *nada querer saber* em relação à negação, em um diálogo que se faz com outro texto freudiano: *Die Verneinung*⁶. Para além da apresentação dos movimentos do texto, Silveira consegue indicar a precisão do bisturi lacaniano que recorta a *Verwerfung* e, em um mesmo movimento, como leitora crítica dos textos de Freud, Lacan, Hippolyte e comentadores, constituir, por outras vias, novos argumentos que dão maior consistência à operação lacaniana.

Vale a pena citar diretamente um trecho que me parece revelar a elegância e precisão do argumento da autora, ao justificar com Lacan a escolha do termo *forclusion*:

Termos como rejeição, supressão, repúdio – inicialmente utilizados – não deixam de possuir uma aproximação semântica forte com a negação nesse sentido que se quer

2 C. Lévi-Strauss, “A eficácia simbólica”, in: *Antropologia Estrutural*.

3 C. Lévi-Strauss, *op. cit.*, p. 233-234.

4 F. Saussure, *Curso de Linguística Geral*.

5 S. Freud, “História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)”, in: *Obras Completas*, v. 14.

6 S. Freud, *A negação*.

evitar: negação de algo que no início se apresenta positivamente ao sujeito, isto é, negação já pertencente ao registro simbólico. Já *forclusion*, um termo do léxico jurídico que convenientemente carrega uma ideia de ‘enclausurar fora’ [...] torna-se apropriado para indicar uma negação que não parte de uma iniciativa subjetiva, mas de um processo maior do que o sujeito, embora o implique [...]’⁷.

Silveira enlaça assim o argumento de Freud – em torno da castração e da alucinação negativa do homem dos lobos – com o gesto lacaniano de definir um mecanismo específico da psicose que permita que a clínica psicanalítica dê provas de sua validade no campo das psicoses, conforme Lacan havia buscado desde 1932, quando da escrita da *Tese*, e que, apenas agora, em seu encontro com o estruturalismo, pode ser propriamente articulada em sua relação com a direção da cura. Chegamos, então, finalmente ao cerne do argumento de Silveira: a teorização sobre sujeito proposta por Lacan encontra seu impasse em relação à estrutura. Ou, dito de outro modo, entre estruturalismo e subjetividade uma tensão intransponível se institui, a qual deve ser solucionada para que Lacan constitua sua teorização. Não por acaso devemos considerar que a travessia feita por Lacan implica uma apropriação do estruturalismo que o transforma – a ele, Lacan, e ao estruturalismo – e, em um momento posterior, sua ultrapassagem.

Contudo, se a travessia aponta um percurso, nem por isso podemos dizer que o ponto de partida e o ponto de chegada estejam tão claramente em relação, visto que o itinerário se faz *entre*: entre um dado modo de pensar a estrutura e um modo original de tratar o sujeito. Orientando a travessia – como um barqueiro que sobe e desce o rio sem cessar – encontramos Gilles Deleuze e seu “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”⁸. A riqueza do argumento de Deleuze consiste, dentre outros méritos, em buscar situar critérios de identificação próprios ao estruturalismo e, em seus exemplos, apoia-se em textos e proposições de diferentes autores, inclusive de Lacan. Talvez por isso, a estrutura definida por Deleuze contemple, entre seus critérios, a casa

vazia, já que, sob outra ótica – que não inclui Lacan no bojo dos teóricos do estruturalismo – considera-se que “[...] a estrutura dos estruturalistas é coerente e completa, ao passo que a estrutura lacaniana é antinômica e des-completada”⁹. Por considerar a casa vazia como um elemento de reconhecimento do estruturalismo, Deleuze produz simultaneamente um gesto de inclusão de Lacan no rol dos estruturalistas e uma ampliação da noção de estrutura.

O impasse da relação entre sujeito e estrutura se coloca de forma explícita quando afirma: “num sentido, os lugares só são preenchidos ou ocupados por seres reais [...] Num outro sentido, porém, podemos dizer que os lugares já estão preenchidos ou ocupados pelos elementos simbólicos no nível da própria estrutura”. Esse paradoxo, na apresentação deleuziana, é efeito direto da *casa vazia*, lugar a ser preenchido na estrutura e que, no entanto, não pode nem deve ser ocupado. Na perspectiva deleuziana, “o sujeito é precisamente a instância que segue o lugar vazio”. O argumento de Silveira segue um caminho próprio ao buscar situar e problematizar sujeito e linguagem na teoria lacaniana, dando à estrutura e ao estruturalismo seu feixe de forças. Deleuze, por sua vez, parece alterar o estruturalismo, atribuir-lhe características que o ampliam e podem fazer caber o argumento lacaniano. Nesse sentido, sustenta:

O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, fato de individualizações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais¹⁰.

Cabe acompanhar a sutileza do argumento de Léa Silveira, pois o impasse entre sujeito e estrutura se mantém ao longo do livro, sem nenhuma solução fácil que deixe, seja Lacan, seja o/a leitor/a, sob proteção das dúvidas e questionamentos. A travessia que acompanhamos é a do psicanalista Jacques Lacan, cujo desenrolar

segue para além do momento estruturalista e da primazia do simbólico; mas também é a travessia da autora Léa Silveira, cuja agudeza nos leva a pensar Lacan para além de Lacan e colocar hoje, em outra margem, mas ainda no fluxo das teorias, o que do feminismo provoca a psicanálise e, em outra volta, o que da psicanálise interessa às teóricas feministas. Quanto ao/à leitor/a, resta navegar entre margens, em um ir e vir entre teorias, autores e provocações que permitem novas descobertas e que nos fazem reconhecer que um livro atravessa o tempo.

Referências bibliográficas

Deleuze G. (1967). À quoi reconnaît-on le structuralisme, in François Châtelet (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. VIII. Paris: Le xxe siècle, Hachette.

Dosse F. (2007). *História do Estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2 vols.

Freud S. (1918 [1914]/2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In *Obras Completas*, v. 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. Trad. e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1919/2014). *A negação*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify.

Lévi-Strauss C. (1949/1996). A eficácia simbólica. In *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Politzer G. (1998). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo; Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: UNIMEP.

Saavedra C. (2021). *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário.

Saussure F. (1916/1995). *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

Silveira L. (2022). *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*. São Paulo: Blucher.

7 L. Silveira, *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, p. 209.

8 G. Deleuze, “À quoi reconnaît-on le structuralisme”, in: F. Châtelet (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. VIII

9 Miller apud F. Dosse, *História do Estruturalismo*, p. 175.

10 G. Deleuze, *op. cit.*, p. 300.